

7. FERREIRA IRMÃO, José *et alii*. *A Agricultura irrigada no Nordeste: avaliação do seu impacto sobre o emprego, a renda e o aumento do excedente comercializável*. Recife, UFPE/Pimes, 1985.
8. LEITE, Ana Cristina Teixeira. *Mercado de trabalho no Nordeste: o legado da ação do Estado. Uma análise do Estado do Ceará*. Fortaleza, UFG, 1988. (Dissertação de Mestrado)
9. LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Expansão e hegemonia urbana: o caso de Fortaleza*. Fortaleza, UFC, 1983. (Dissertação de Mestrado).
10. MAIA GOMES, Gustavo. "Da Recessão de 1981-83 aos impactos no Plano Cruzado no Brasil e no Nordeste: um alerta para o presente". In: *Boletim Sócio-Econômico do Nordeste*. Recife, n. 1, mar/1987, p. 55-68 (SUDENE).
11. MARANHÃO, Sílvio. *A Questão Nordeste*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
12. MELO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. 5. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.
13. OLIVEIRA, Francisco de. *A Economia da dependência imperfeita*. 4 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
14. OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
15. SAMPAIO FILHO, Dorian. *A Industrialização do Ceará – empresários e entidades*. Fortaleza, Publicações SENAI, 1987.

Resenhas de livros

Cenas Juvenis: Punks e darks no espetáculo urbano

GLÓRIA DOS SANTOS DIÓGENES
Doutoranda em Sociologia

Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (UFC)

*De noite quando a cidade dorme
anjos negros de asas sujas e escuras
saem de suas tocas
(Não acordem a cidade, Inocentes)*

Cenas Juvenis, de Helena Wendel Abramo, nos coloca em pleno coração da cidade. Somos surpreendidos por um espetáculo urbano, cujos protagonistas não apenas encenam códigos próprios de linguagem mas, fundamentalmente, produzem uma inusitada estética juvenil. Personagens exemplares de uma singular encenação urbana, os *punks e darks* parecem condensar os signos do mundo moderno: movimentação, transfiguração, ambigüidade, efemeridade.

A juventude traz a marca do hibridismo da sociedade moderna condensando, a um só tempo, o ser adulto e o ser criança. A idéia de situar-se em um estado de formação, de processo, de um vir a ser, faz da juventude um sujeito *mutante*, signo por excelência da sociedade moderna. Essa característica de ser e não ser ocasiona na juventude um hiato na constituição de valores, e é assim que a rebeldia, a revolta e a delinqüência tornam-se categorias-chave na problematização da condição juvenil.

Helena Abramo identifica os significados atribuídos à juventude dentro do campo sociológico. Sabe-se que a idéia da ordem e da integração social tem marcado algumas produções sociológicas, especialmente a Escola de Chicago. É assim que os estudos sobre delinqüência juvenil a situam enquanto "um defeito no processo de socialização, provocado por disfunções no sistema social" (p. 16). É desse modo que se gesta a idéia dos "rebeldes sem causa", dos que se colocam na esfera pública, segundo os "teóricos da ordem", apenas como expressão da dificuldade de se compartilhar modos de vida pactuados socialmente.

Paradoxalmente, é na contramão dos valores dominantes que a juventude se inscreve no campo da produção cultural, sendo, porém, os signos das "culturas juvenis", universais e consumíveis por sujeitos sociais diversos. Deve-se ressaltar que a juventude, de maneira geral, se constitui "fora" da dinâmica da produção e do trabalho. É nesse campo que se forjam os significantes da produção cultural da juventude: desocupados, consumidores/anti-consumidores, estudantes, etc. Observa-se porém, já mais recentemente, a formação de agrupamentos juvenis, motivados por outros fatores e produzindo novos símbolos, a partir dessa estética emergente: o tempo do lazer e a busca de uma diversão compartilhada.

É pelas lentes hábeis de Helena que a lógica de outras formas de enunciação juvenil, que "invadiram" a década de 80, vai ganhando visibilidade. Esses grupos nomadizam nos espaços de grande movimentação urbana. A idéia de consumo exaustivo do tempo, do tirar proveito de todas as situações, de ocupação intensiva dos espaços da rua, dinamizam novos modos de uso da cidade.

O aparecimento ostensivo de grupos de jovens, em locais estratégicos da cidade, parece querer reverter os ritos da segregação urbana e da exclusão social que pontuam as metrópoles brasileiras. É desse modo que a noção de juventude, nos setores populares, é ainda mais marcada pelo sentido da rebeldia, e, ocasionalmente, da delinquência. Ela "é elaborada com base na consideração de que se trata de um tempo em que se pode, de alguma forma, escapar à vida percebida como massacrante e quase sem gratificações, seja pela busca de articular um futuro melhor, seja pelo aproveitamento de maior liberdade para gozar a vida" (p. 64).

A "nova ordem mundial", combinando exigência de qualificação e seletividade da mão-de-obra, automação e informatização, torna cada vez mais o processo produtivo ante-sala da dinâmica ampliada do consumo de mercadorias. A ordem passa a ser consumir e é este o referente precípua da "condição de circulação no espaço público" (73). As "cenas juvenis", conforme observa Helena, colocam-se como forma de superexposição da estética juvenil na esfera pública iluminada das grandes cidades. Tornam-se habituais, entre os "jovens delinquentes", os roubos de tênis, bonés e sandálias de "marca" como sendo adereços capazes de instituir a própria condição de reconhecimento no mundo juvenil.

Os jovens tornam-se a vitrine de universalização de referentes de consumo do mundo moderno. "É então que emergem como perso-

nagens expressivos desse novo universo juvenil os grupos articulados em torno do *estilo*" (p. 82). A diversidade de grupos se identifica pela pluralidade de *marcas e alegorias* que formam os variados estilos. É com a versatilidade das criações em torno das imagens que cada grupo e cada indivíduo torna real sua "aparição" na esfera pública.

A experiência da multidão, tão bem destacada por Baudelaire e, posteriormente, por Walter Benjamin, faz do choque a cena primordial da dinâmica moderna nas grandes cidades. O homem arquétipo moderno dilui-se como pequena partícula na multidão. Como bem observou Helena, entre os *darks* e *punks* de São Paulo, a elaboração do estilo representa a maneira como manifestam sua condição juvenil e as marcas, através do exagero das vestimentas e do caráter excêntrico do estilo, tão melhor quanto capaz de ocasionar nos transeuntes a experiência do choque e da visibilidade.

O estilo pressupõe uma racionalidade na escolha das cores, dos adereços, e da combinação entre os diversos elementos. Há um princípio de ordenação que se orienta pela busca de um padrão estético específico. Nesse sentido, opera-se uma inversão se o uso do tempo, enquanto lazer, do espaço, enquanto ocupação de área, de uma indumentária, enquanto estilo, marca uma forma de registro, no campo do consumo, por outro lado, como pontua Helena, os grupos expressam a quebra de um padrão homogêneo da estética e da moda. A autenticidade entre esses grupos significa escapar do padrão massificador da mídia e do mercado.

Os punks surgiram nos bairros e subúrbios de São Paulo desde os anos 50. "Esses jovens encontraram, no ideário *punk*, uma maneira de atuar, algo em torno do qual estruturar uma diversão genuína, intensa, que fornecesse ao mesmo tempo identidade singular e uma forma de expressar uma insatisfação" (p. 93). O *rock* torna-se o campo, por excelência, de atuação dos grupos *punks*. A formação de bandas, os salões de apresentação e as festas constituem territórios, produzem campos de reconhecimento, "criando elementos de identificação própria – peculiares dentro da elaboração mais ampla do estilo *punk*" (p. 94).

Os *darks*, denominados assim pela imprensa e raramente pelos seus próprios integrantes, parecem produzir uma performance vinda das sombras, dos esgotos, do lado sombrio do acontecer social. Das "universidades aos porões" os seus integrantes parecem marcados por um irremediável desgosto: "No entanto, fica claro, no inte-

rior dessas sombras, existe uma excitação, um *frisson*, uma grande energia: é um momento de encontro com amigos, de diversão, de expressão de algo que envolveu intensidade e criação cultural" (p. 118). Assim como entre os *punks*, em torno das bandas, se constituiu uma zona de solidariedade e de produção de "estilos singulares". A banda é *atuação*, é *atitude*, driblando a monotonia e a falta de perspectivas que pontuam o cotidiano dos jovens.

O niilismo da sociedade moderna, que Helena Abramo assinala como *distopia* (o lugar ruim), recorta o imaginário dos jovens que se movimentam no cenário urbano de São Paulo. "Eles se preocupam muito em não se deixar enganar por ilusões fáceis (...) é como se, em vez de *assalto aos céus* da geração anterior, que Ihes parece agora impossível e falacioso, eles sentissem necessidade de descer aos infernos... (p. 154). É esse percurso que o livro de Helena nos proporciona. Ele é movimento, é música, é espetáculo. Ele nos centra no burburinho do mundo modemo, imersos em signos e imagens do campo da produção juvenil. Embora descendo nos subterrâneos das experiências de *punks* e *darks*, a leitura de Helena, como um boto, proporciona a visão de um mergulho, do *céu ao inferno*.

Negros da terra

ISABELLE BRAZ PEIXOTO DA SILVA

Doutoranda em Ciências Sociais na Unicamp, Professora do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (UFC)

Este é um livro que diminui a nossa dívida para com a História do Brasil e o conhecimento acerca da participação indígena nesta história, mais particularmente.

O primeiro impacto que ele nos provoca vem através da imagem: sobre a litografia A dança dos índios puris, in Viagem pelo Brasil, 1817-1820 de Spix e Martius, um título forte, denso, carregado de sentido, que imediatamente nos remete para o mundo sombrio da escravidão.

Apoiado em vasta pesquisa documental, como atestam suas referências bibliográficas – fontes manuscritas, relatos coloniais e documentos impressos, livros, artigos e teses – o livro nos transporta para o planalto paulista seiscentista e através dele nos faz rever considerações consagradas acerca do Brasil colonial.

O autor parte de rara perspectiva no âmbito da historiografia e, assumindo uma visão mais ampla do desenvolvimento da economia regional, conjuga elementos da dinâmica interna da sociedade local e elementos mais gerais da economia internacional.

Assim é que ele nos mostra como a economia paulista se insere no circuito comercial da Colônia, produzindo e transportando produtos locais para o mercado do litoral, basicamente o trigo. Tese pouco convencional, apresenta o panorama de uma economia subsidiária, que tem na mão-de-obra indígena um dos seus sustentáculos.

É na descrição e análise da submissão dessa mão-de-obra que está grande parte da riqueza desta obra. Tomamos contato com uma complexa rede de relações entre conquistadores e nativos, que longe de situar os índios como meros objetos, passivos da manipulação dos colonizadores, revela sua capacidade de atuar politicamente, considerando táticas e estratégias.

Mais do que isto, nos dá uma demonstração de como, ainda que severamente marcada pela dominação e pela violência, a história da conquista é também uma questão de "aculturação às avessas", por mais que isto soe irônico, paradoxal ou absurdo. Afinal de contas, desde os termos estabelecidos nas primeiras trocas, passando pela dinâmica tradicional de alianças e intrigas, até a organização do tra-